

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Londrina

Class.: Kaingangy PR / A1

Data: 07/11/93

Pg.: Laranjinha  
KGR 00 345

Desperdício na aldeia

# Reserva tem poço artesiano, mas falta água

Mais de 150 mil litros/hora jorram do poço artesiano na reserva Laranjinha, enquanto os índios bebem água contaminada

Patrícia Zanin

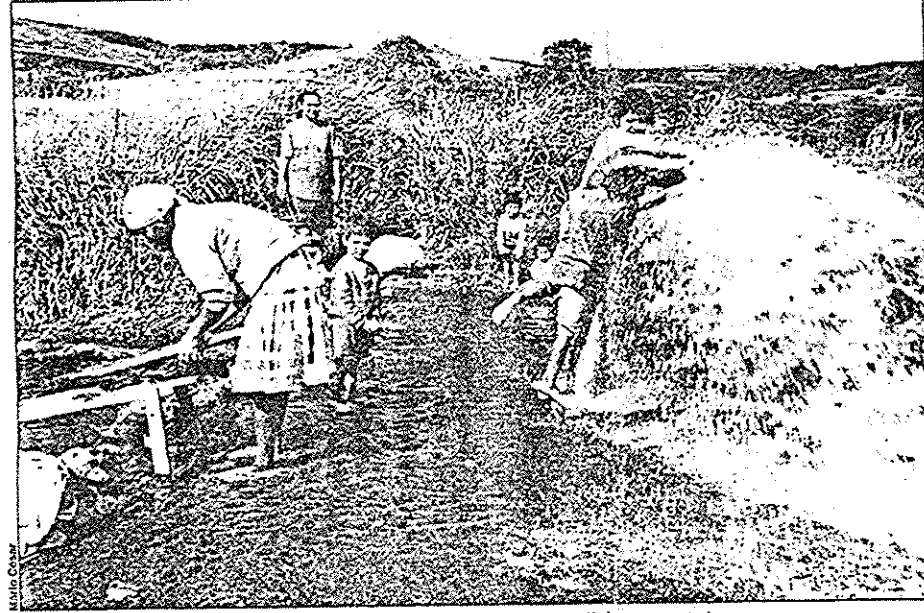
Santa Amélia - Um investimento de US\$ 4 mil virou brincadeira de criança e faz a alegria da garotada nas tardes de verão. O jato de água fria que sai do poço artesiano, na reserva indígena Laranjinha, município de Santa Amélia (a 130 quilômetros de Londrina) tem vazão de 150 mil litros/hora.

suficiente para abastecer cidades como Ribeirão do Pinhal, Abatiã, Wenceslau Braz e Uraí, que têm, em média, 15 mil habitantes. Ao contrário disso, desperdício. O poço não abastece nem a reserva de 176 pessoas, entre índios guaranis e brancos. Os moradores são obrigados a consumir água contaminada de uma mina, insuficiente para suprir a demanda.

Das 37 casas da aldeia, apenas as que ficam na parte baixa da reserva (de 117 alqueires) conseguem água.

"Tem vez que a gente fica até dois dias sem água", reclama a moradora Joana da Silva, casada com índio. A alternativa, segundo ela, é ir pegar água na "bica" - referindo-se à água que sai do poço perfurado. "A água da mina que a gente toma é contaminada, dá verme e barriga d'água", reclama a índia Maria de Lurdes, de 61 anos, moradora há 40 na reserva Laranjinha.

**Água contaminada** O chefe do posto da reserva, José dos Passos de Oliveira confirma: o líquido não é apropriado para consumo. "Exames médicos detecta-



Enquanto as mulheres lavam roupa, as crianças brincam na "cascata" do poço artesiano

ram a incidência de verminose em vários índios", revela. Ele conta que quando chove, a turbidez da água aumenta muito e ocorrem diarreias que atingem praticamente toda a reserva. A Funai distribui remédio, mas ele acha que só isso não resolve. A solução, segundo ele, é a conclusão da rede de abastecimento de água, com a implantação de reservatório e sistema de distribuição. Há 8 meses o poço foi perfura-

do por uma empresa contratada pela Sanepar. Desde então, a obra está completamente abandonada. A Funai reclama do descaso e cobra ainda a execução de uma outra obra: a colocação de módulos sanitários, que acusa não passar de promessa da regional da Fundação Nacional de Saúde (FNS). Em Jacarezinho, a chefia da FNS disse à Folha não ter informações sobre esses problemas. Em Curitiba, o inspetor de sanea-

mento da coordenação regional da Fundação no Paraná. Aparecido Santana, informou que os dois projetos estão parados por falta de recursos. "O poço foi feito e não tivemos condições de continuar a rede de abastecimento", justifica. Segundo ele, não há previsão de data para retomada do projeto. A Sanepar em Cornélio Procopio também não assume a responsabilidade pela demora na obra e

## Cacique: "o projeto foi mas a verba nunca vem"

Apesar dos 117 alqueires, a reserva Laranjinha só plantou 35 nesta safra. E mesmo assim, com dificuldades. Por causa disso, índios e brancos ficam sem serviço e são obrigados a trabalhar como bóias-frias na região. Muitos estão participando dos trabalhos da safra de açúcar e álcool em Bandeirantes. "A gente tinha mesmo vontade de ficar por aqui mas faltam condições de plantar e a aí tem que sair para fora mesmo", aponta o cacique Valdeir Cândido de Lima. Alguns índios que não conseguem serviço acabam recorrendo à prefeitura de Santa Amélia, que fica a menos de 5 quilômetros da aldeia. Além do desemprego e falta de estrutura

para o plantio, os moradores da reserva Laranjinha apontam que a enfermaria está sem atendente de enfermagem há quase dois anos, faltam módulos sanitários e melhores condições de higiene.

Como cacique, diz que seu trabalho é aconselhar para não haver encrenca na reserva, representar e lutar pelos interesses da comunidade. "O trabalho da gente, a gente faz. Temos certeza de que a culpa pelas deficiências não é nossa", aponta. Ele reclama da morosidade da Assessoria Especial para Assuntos Indígenas, do governo do Estado. "Nós mandamos os projetos mas os resultados não chegam", critica.

desperdício. O engenheiro Antônio Carlos Furlan, alega que não foi concluída por causa do andamento de outras obras do programa de saneamento rural. Ele garante que até o final do mês estará pronto o projeto, em Curitiba. O prefeito de Santa Amélia, Luiz Carlos Rodrigues (PMDB) acha uma "barbaridade" a obra estar paralisada. Ele acredita que o Estado vai retomar o serviço de abastecimento completo de água

na reserva. "O que depender de nós, vamos ajudar", propõe. Por enquanto, ele ainda não foi comunicado se a obra será executada em sistema de parceria. Enquanto o trabalho não é retomado, os índios sofrem os prejuízos. "Isso é brincar com o sentimento dos outros; fazer uma obra tão importante e depois deixar a água jorrando, enquanto os índios tomam água contaminada", desabafa José Passos.